

Nicolau Pais regressa ao Teatro Viriato para apresentar *Originals*, um projeto de continuidade e consolidação de um estilo, de um conjunto de referências e vontades que tem vindo a construir desde *(Re)Cover* (2006/2008). Desta vez, a letra é a matriz deste programa, num resgate da língua portuguesa assumida pelo músico que, neste concerto, se expõe, deliciosa e cruelmente, como autor das suas próprias rábulas.

A síntese destes *Originals*, nome ambivalente que remete tanto para o coletivo, como para os temas, reside no desprendimento da obrigatoriedade de anunciar velhas autoridades ou novas revoluções. Descomprometidos... denunciam as influências de David Bowie, Lou Reed, António Variações, Rui Reininho, Vítor Rua, e, todos os outros... "obstáculos magníficos e incontornáveis".



Vivace Tipografia Beira Alta, Lda. • **Allegro** BMC CAR • Dão • Quinta do Perdigo • Hotel Avenida • **Moderato** Abyss & Habidecor • blog/magazine: Obvious • **Andante** Grupo de Amigos do Museu Grão Vasco • João Carlos Osório de Almeida Mateus • Pastelaria Doce Camélias, Lda • PsicoSoma • **Adágio** Amável dos Santos Pendilhe • Ana Luísa Nunes Afonso • Ana Paula Ramos Rebelo • António Cândido Rocha Guerra Ferreira • Armada Paula Frias Sousa Santos • Benigno Rodrigues • Carlos Dias Andrade e Maria José Andrade • Engrácia Castro • Farmácia Ana Rodrigues Castro • Fernanda de Oliveira Ferreira Soares de Melo • Fernando Soares Poças Figueiredo e Maria Adelaide Seixas Poças • Isabel Maria Pais e António Cabral Costa • Isaias Gomes Pinto • José Luís Abrantes • José Gomes Moreira da Costa • Julieta Teresa de Melo Gomes Ribeiro • Júlio da Fonseca Fernandes • Maria de Fátima Ferreira • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João de Ornelas Andrade Diogo Obrist • Miguel Costa e Mónica Sobral • Nanja Kroon • Paula Nelas • Pedro Miguel Sampaio de Carvalho de Tovar Faro • Pieter Rondeboom e Magdalena Rondeboom • Raul Albuquerque e Vitória Espada • Teresa da Conceição Azevedo • Vítor Domingues • **Júnior** Ana Mafalda Seabra Abrantes • Ana Margarida Rodrigues • Beatriz Afonso Delgado • Brígida Caiado • Carla Filipa Seabra Abrantes • Diogo Rafael Teixeira Ascensão • Eduardo Miguel de Amorim Barbosa • Marta Ribeiro Figueiredo • Matilde Figueiredo Alves • Pedro Dinis de Amorim Barbosa.



TEATRO VIRIATO | CENTRO DE ARTES DO ESPECTÁCULO DE VISEU

Paulo Ribeiro *Diretor-geral e de Programação* • José Fernandes *Diretor Administrativo* • Paula Garcia *Diretora Adjunta* • Ana Cláudia Pinto *Assistente da Direção* • Maria João Rochete *Responsável de Produção* • Carlos Fernandes *Assistente de Produção* • Nelson Almeida, Paulo Matos, Pedro Teixeira e Rui Cunha *Técnicos de Palco* • Marisa Miranda *Imprensa e Comunicação* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Bilheteira* • Emanuel Lopes *Técnico de Frente de Casa* • Fátima Domingues e Raquel Marcos *Receção* • Paulo Mendes *Auxiliar de Receção/Vigilância* • **Consultores** Maria de Assis Swinerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Eletricidade* • Contraponto *Contabilidade* • Paulo Ferrão *Técnica de Palco* • José António Pinto *Informática* • Cathrin Loerke *Design Gráfico* • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Bruno Marques, Catarina Ferreira, Daniela Fernandes, Diogo Almeida, Franciane Maas França, Francisco Pereira, Joana Tarana, João Almeida, Luis Figueiral, Maria Carvalho, Margarida Fonseca, Neuza Seabra, Ricardo Meireles, Rui Guerra, Sandra Amaral e Vânia Silva.



Próximo espetáculo



NOVO CIRCO
28 e 29 SET
PAS PERDUS
por LES ARGONAUTES (BE)

sex e sáb 21h30 | 60 min. aprox.
preços: B [7,5€ a 15€] / Jovem 5€ // descontos aplicáveis
m/ 5 anos

ESPAÇO CRIANÇA DISPONÍVEL

teatroviriato

CAFÉ-CONCERTO / FOYER

26 SET'12

**NICOLAU PAIS
& OS ORIGINALS**

NICOLAU PAIS & OS ORIGINAIS



© Bruno Nacarato

60 min.
m/12 anos

Interpretação

Nicolau Pais (**voz**),
Orlando Mesquita (**baixo**),
Hugo Mesquita (**guitarra elétrica e 12 cordas**), Gino Costa (**guitarra elétrica, eletroacústica**),
Eddie Silva (**bateria**)
e Pedro J Maia (**piano e sintetizadores**)

+info facebook.com/osoriginais

Apresentado no âmbito da
rede de programação cultural



NICOLAU PAIS... NA PRIMEIRA PESSOA

UM DISCO EM PORTUGUÊS. QUAL É O OLHAR DE NICOLAU PAIS SOBRE ESTE DESAFIO MAIOR? DE ONDE NASCE O ÍMPETO DE RESGATAR A LETRA?

Das referências, por um lado, da vontade cívica, por outro. E do medo de cair no esquecimento, como as chicletes; já bastam a televisão e o crédito por telefone para faz-de-conta. A língua portuguesa ou o que ela suscita para quem a ouve mesmo que a não conheça, colocam-me no grau de exposição (enquanto autor, sobretudo) mínimo para a vertigem a que este espetáculo obriga. Sou público das minhas próprias rábulas e não gosto de me enganar a mim próprio - sei quando estou a citar ou a criar - não engano ninguém, aliás, nunca enganei (*risos*)... Estou do lado dos que coram de vergonha com a ideia de ter uma oportunidade para melhorar e partilhar a visão que temos de nós mesmos e do Mundo, e desperdiçá-la a brincar aos americanos. A vida é curta, mas as vistas que se fazem dela não têm de ser. Não sou célebre, é muito provável que nunca venha a sê-lo, mas vivo impressionado - chocado, mesmo - com a neutralidade sonsa que me rodeia e com os *allgarves* deste Mundo.

QUAL É A ESSÊNCIA DESTES *ORIGINAIS*? O QUE FAZ ESTE PROJETO GENUÍNO OU NÃO?

Nas decisões que tomamos antes de nos darmos a ouvir, entendemos que a precariedade da produção - a falta de meios, a falta de acesso aos *media*, o profundo equívoco contemporâneo entre sucesso e mérito - é uma coisa, a precariedade musical, outra. Não nos escondemos atrás do que não temos, nem nos pomos em bicos de pés pelo que já fizemos; tocamos como milionários, a esbanjar som para o bem comum, como se todos nos estivessem a ouvir. Isso é querer ser genuíno. A autoria é o nosso ponto de partida, e é da partitura que nasce o som; o Orlando Mesquita, baixista, que é autor de praticamente todas as melodias, tem 40 anos a tocar ao vivo e a editar obras, tendo sido um dos primeiros músicos portugueses a enveredar por uma carreira desse tipo. Que tenha havido tempo para que a qualidade desse talento e história se cruzassem com engenho para musicar as palavras deste vosso letrista, isso é querer ser "Original".

Aqui há tempos li uma brochura de um Teatro em que um jovem autor e cantor se dizia o maior "cantautor" depois de Zeca Afonso. É uma balela que só é possível porque ninguém responsável se sentou a ouvir Zeca Afonso, que, mais do que um cidadão livre e tolerante, foi um dos maiores etnógrafos da História da música portuguesa e um músico universal (chamar cantautor ao Zeca Afonso é de si um ato estúpido e ignorante). Cada um monta a fachada que quer; fui ouvir de seguida alguns temas e eram da música mais reacionária e sectária que ouvi em toda a minha vida, verdadeira repressão da imaginação individual e do direito à iconografia, música com a capacidade de revolta de um rebanho de ovelhas. Estou-me borrifando para o que querem os consumidores, os populistas festivos da dita direita ou os repressivos atávicos dessa coisa que acham ser a esquerda, sempre pronta a cultivar a pobreza para caber na sua própria irresponsabilidade contestatária e miserável. Eu gosto é de público, e esse - desde que tenha por onde escolher - não se costuma deixar levar. Consumidores e ovelhas somos todos os dias - o sr. ministro das Finanças, aliás, agradece essa submissão.

"Os Originais" são a banda, "Os Originais" são os temas - serem genuínos é não terem que vender porra nenhuma, muito menos novas autoridades ou velhas revoluções. Não há nada mais feliz do que ter a perfeita noção das inconsequências. Somos gente altamente descomprometida, até que o metrônomo comece a fazer *tic-tac* e a lembrar que o tempo foge. Aí, começa o espetáculo.

AS INFLUÊNCIAS?

Muitas, nem todas batem certo, e ainda bem. Bowie no brilhantismo de intérprete e cantor das suas próprias rábulas. Lou Reed na crueza bruta e sem adorno da sua poética, talvez ao nível da melhor poesia contemporânea americana. António Variações no seu génio destemperado *kitsch*, e na sua tendência bonita para achar que o país era tão cosmopolita quanto as suas ambições de "moço da província"; GNR e Rui Reininho, pela incessante "palavrosidade" e humor corrosivo do letrista, mas também por terem sido - ainda com Vítor Rua - o mais original projeto *pop* português. Também alguns obstáculos magníficos e incontornáveis: Prince, Beck, Pixies e The Stone Roses (e mais alguns alarves de Manchester); REM pelo virtuosismo exacerbado, Brian Eno, o *pater familias*.

Depois cantores ou artistas que se centram no canto como forma de arranjo e produção musicais: Nina Simone, Aretha Franklin, Eartha Kitt, Leonard Cohen, Antony & The Johnsons, Roy Orbison, Annie Lennox...

E EM PALCO REINVENTAM-SE ESTES "ORIGINAIS"?

Sempre. O palco é onde está a legitimidade absoluta, onde a forma deixa de proteger o conteúdo. É onde tomamos partido; é a única forma não-tóxica de escapismo publicamente recomendável.